

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

**SANDRO ALENCAR RIBEIRO**

**Uso de Tecnologias no Ensino de Jovens e  
Adultos – (EJA)**

**Porto Alegre  
2018**

**SANDRO ALENCAR RIBEIRO**

**Uso de Tecnologias no Ensino de Jovens e  
Adultos – (EJA)**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientador(a):  
Fabiana Santiago Sgobbi**

**Porto Alegre  
2018**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Prof<sup>a</sup>. Jane Fraga Tutikian

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Celso Giannetti Loureiro Chaves

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. Leandro Krug Wives

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pela bênção de ter me dado saúde até o momento, embora tenha havido alguns contratemplos no caminho.

A minha família, que incondicionalmente esteve ao meu lado mesmo nas noites em que não lhe pude dar a merecida atenção.

E finalmente a minha orientadora Fabiana Santiago Sgobbi por ser exemplo de profissional e colega que me mostrou que vale a pena lutar por uma educação de qualidade.

## RESUMO

A mudança provocada com a utilização do smartphone em sala de aula traz à tona questionamentos em relação à postura dos professores e, sobretudo, seu compromisso frente aos alunos, onde não basta apenas conhecer as novas tecnologias, mas necessita-se que haja sua aplicação em sala de aula, para diversificar a forma de ensinar e alcançar melhores resultados. Neste sentido, a pretensão deste trabalho é a de averiguar se o smartphone é ou não utilizado em sala de aula como ferramenta de ensino e buscar caminhos para a aplicação de seu uso na maneira de apresentar, debater e até mesmo nas avaliações de conteúdos ensinados aos alunos, ligando-os com a nova realidade presente hoje em suas vidas. A metodologia de pesquisa adotada foi a pesquisa qualitativa exploratória e os resultados encontrados foram de certa forma surpreendente, uma vez que foi constatado que os alunos cada vez mais utilizam o smartphone em sala de aula e muitas professores não incentivam e/ou proíbem esta utilização.

**Palavras-chave:** Professor, Smartphone, Tecnologia.

## **ABSTRACT**

The change brought about by the use of the smartphone in the classroom raises questions about the attitude of the teachers and, above all, their commitment to the students, where it is not enough just to know the new technologies, but it is necessary that it acts its application in classroom, to diversify teaching and achieve better results. In this sense, the pretension of this work is to find out if the smartphone is or not used in the classroom as a teaching tool and to search for ways to apply its use in the way of presenting, debating and even in the evaluations of contents taught to students, linking them with the new reality present today in their lives. The research proceeded in an exploratory way and the results found were somewhat surprising, since it was found that students are increasingly using the smartphone in the classroom and many teachers do not encourage this use, even banning.

**Keywords:** Teacher. Smartphone. Technology.

## LISTA DE GRAFICOS

Gráfico 1 – Autorização do celular em sala de aula .....	24
Gráfico 2 - Incentivo o uso do celular .....	26
Gráfico 3 - Os professores utilizam o celular em suas aulas .....	27
Gráfico 4 - Você já utilizou o celular em sala de aula .....	29
Gráfico 5 - Qual atividade você utilizou o celular em sala de aula .....	31

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

EJA Educação de Jovens e Adultos

## SUMÁRIO

<b>RESUMO .....</b>	<b>5</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 USO DE TECNOLOGIAS NO ENSINO .....</b>	<b>13</b>
2.1 - Professor Tradicional ou Professor Contemporâneo .....	13
2.2 - Tecnologia e Educação.....	15
2.3 – Mídias e Educação.....	16
2.4 – Vantagens na Utilização das Tecnologias na Educação .....	17
<b>3 – MÉTODO DE PESQUISA .....</b>	<b>20</b>
3.1 – Delineamento da Pesquisa.....	21
3.2 – Sujeitos.....	21
3.3 – Material .....	22
3.4 – Procedimentos para coleta de dados.....	22
<b>4 – PESQUISA “O USO DO SMARTPHONE EM SALA DE AULA” .....</b>	<b>23</b>
<b>5 - CONCLUSÃO .....</b>	<b>34</b>
<b>6 - REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade investigar quais inovações tecnológicas estão sendo utilizadas na prática pedagógica pelos professores, na educação das turmas de Educação de Jovens e Adultos – EJA em suas aulas, buscando saber se a grande evolução tecnológica influencia os professores da área das Ciências Humanas (Geografia, História, Filosofia e Sociologia).

Com o avanço tecnológico crescente nos últimos anos, a educação contemporânea experimenta uma revolução comportamental sem precedentes. “Sabe-se, contudo, que o uso desta ferramenta didática possibilita ao processo de ensino e aprendizagem uma aula mais dinâmica, interativa e contextualizada com a realidade dos alunos”, conforme Chiofi e Oliveira (2014, p.330).

A tecnologia incorporou-se ao cotidiano dos alunos, alterando sua vida na escola, no trabalho e em sociedade contribuindo para a construção de novas formas de ensinar e aprender. De acordo com Chiofi e Oliveira (2014):

“As novas tecnologias permitem aplicabilidades pedagógicas inovadoras que podem contribuir para resultados diferenciados, bem como fortalece a justiça social, pela democratização do acesso ao ensino, permitindo pelo processo da comunicação tecnológica que todos se apropriem do conhecimento”. (Chiofi e Oliveira (2014, p. 330).

Uma característica marcante que se adquire com essas novas tecnologias digitais, é a forma rápida em que o aluno, organiza-se e troca informações, reduzindo tempo e aumentando seu conhecimento sem que haja obrigatoriamente a necessidade de intervenção do professor.

Dentro deste contexto, é importante ressaltar que ao realizar pesquisa na internet, o aluno tem que atentar para possíveis armadilhas, é aconselhável avaliar a veracidade das informações, ou seja, checar as fontes, o envolvimento com o tema proposto, consultar a

reputação do site e principalmente desenvolver olhar crítico sobre o conteúdo pesquisado, neste aspecto é imprescindível a orientação de um professor

O acesso a Internet através dos smartphones, sem sombra de dúvidas, vem influenciando gerações, cada vez mais cedo, com a facilidade de troca de informações, sendo assim, os professores também precisam estar preparados para atender as demandas deste novo aluno, conforme descreve Thornburg (1997):

Em toda a história da humanidade houve quatro grandes revoluções informacionais, que mudaram não apenas a sociedade/cultura, mas também as formas de compreender o mundo. A primeira grande mudança aconteceu com o surgimento da linguagem oral. Mais tarde com o aparecimento da escrita acontece uma grande ruptura nas estruturas de poder, que repete-se quando surge a gráfica, onde a humanidade presenciou um grande avanço tecnológico que mudaria nosso sistema educativo substancialmente. Por último, a sociedade vivenciou, principalmente no último século, vários avanços tecnológicos como a eletricidade, o rádio, a televisão, o avião, etc., mas nenhum deles, nem mesmo o computador tiveram o impacto que a internet causou, está causando e causará ainda na sociedade e na educação em todos os níveis (THORNBURG, 1997 apud SILVA; POLENZ, 2002, p. 41).

Dentro deste arcabouço tecnológico emergiu a anciã de pesquisar e analisar se este contexto está influenciando nas aulas ministradas no curso EJA de uma escola localizada em um bairro de classe média da região metropolitana de Porto Alegre no Rio Grande do Sul, esta pesquisa foi realizada pelo olhar do aluno.

Sabe-se que a grande maioria dos jovens e adultos possui smartphones, de acordo com Ferreira (2009), o uso pedagógico dos mesmos, promove o desenvolvimento de competências na utilização de conteúdos digitais e na realização de tarefas essenciais na era digital. A utilização dos smartphones pelos estudantes é inevitável e por isso, a escola precisa criar estratégias que promovam o uso destes dispositivos a favor das suas atividades.

O uso do smartphone no EJA deve estar focado no aprendizado personalizado e interdisciplinar. Garantindo assim, a formação da opinião crítica do aluno e o considerando como principal interagente do processo de ensino e aprendizagem, pois, a educação de jovens e adultos apresenta características peculiares, como a forma de ensinar que tem que ser mais direta e objetiva, desta forma, o smartphone pode agilizar este processo.

Atualmente os conteúdos apresentados em sala aula podem ser acessadas em tempo real, através de vídeo aula ou pesquisa, de qualquer lugar, utilizando-se terminais de computadores, ou mesmo do smartphone, sem a necessidade do aluno estar presente em sala de aula.

O ensino como conhecemos, não necessita mais do meio físico para apresentar seus resultados, todavia, podemos utilizar o smartphone para realizar o processo de ensino, isso implica em saber como pesquisar na Internet, pois existe uma capacidade incrível de gerar informações nem sempre verdadeiras.

Tendo em vista todos os fatores acima esta pesquisa vem elucidar o uso do smartphone no ensino de jovens e adultos, para realização desta foi utilizado a metodologia de pesquisa exploratória que será mais detalhada no capítulo 3. Consiste na realização de um estudo para a familiarização do pesquisador com o objeto que está sendo investigado durante a pesquisa. Ela é aplicada de maneira que o pesquisador possa ter um maior acesso do objeto de estudo e que lhe ofereça informações na formulação das hipóteses da pesquisa. Dentro desta metodologia a ferramenta de coleta de dados utilizada foi através de entrevistas estruturadas. O resultado da pesquisa “O uso de smartphone em sala de aula”, a qual pode ser visualizada no Capítulo 4, não visa enumerar ou medir eventos, mas sim fazer um levantamento de sua real utilização em sala de aula no ensino do EJA, nas matérias ligadas a área das Ciências Humanas, da turma em que a pesquisa foi realizada.

Para realizar a pesquisa, foi utilizada a ferramenta de coleta de dados com questões objetivas que permitiu também, se fosse o caso, ao entrevistado expressar sua experiência sobre determinada questão, a aplicação da entrevista ocorreu de forma presencial no período de 07 a 28 de maio de 2018, conforme descrito no Capítulo 3. A pesquisa contou com participação de 40 alunos do ensino médio de Educação de Jovens e Adultos - EJA, do Ensino Médio, de uma escola localizada em um bairro de classe média da região metropolitana de Porto Alegre no Rio Grande do Sul.

No capítulo 2, serão apresentados os referenciais teóricos, que descreve as principais diferenças entre os métodos de ensino dos professores considerados tradicionais, segundo Snyders, (1974, p.9-10), “caracteriza-se pelo ensino centrado no professor” e pelos professores contemporâneos, conforme descreve Libâneo (1994, p. 250) “o professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas”.

E fechamos este trabalho temos as conclusões e a possibilidade de ampliá-lo com futuros trabalhos que podem envolver outras áreas do saber, neste contexto, o atual trabalho monográfico propõe-se apenas à questão do ensino e demonstrar de que forma os professores lidam com o processo de inclusão do smartphone no ensino de jovens e adultos - EJA.

## 2 USO DE TECNOLOGIAS NO ENSINO

### 2.1 - Professor Tradicional ou Professor Contemporâneo

Há décadas atrás o processo de ensinar baseava-se apenas em ler livros ou apostilas, atualmente, a simples tarefa de preparar uma aula transformou-se em um desafio, pois o docente tem a sua disposição muitas tecnologias, divididos em recursos tecnológicos de informática, telecomunicações e as mídias eletrônicas, também chamados de TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação), segundo Miranda (2007, p. 43), “O termo Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) refere-se à conjugação da tecnologia computacional ou informática com a tecnologia das telecomunicações e tem na Internet e mais particularmente na World Wide Web (WWW) a sua mais forte expressão”.

A profissão de docente nunca foi fácil e no presente contexto de desvalorização constante da docência isso não é diferente. O professor tem se preocupar com que vai ensinar e como irá fazê-lo, pois o aluno, hoje, dispõe de vários recursos para buscar o saber. Esse processo de troca de conhecimento, entre docente e discente, vem sendo amplamente desenvolvida, porém não basta ao professor simplesmente transcrever um texto ou matéria nos slides e passá-lo no Datashow, ler para os alunos, que sua aula imediatamente irá se transformar em algo tecnológico, conforme descreve Abud (2001, p. 247) “na questão do ensinar, o discente não consegue perceber o quanto o seu docente o observa e não relata ao docente o quanto de conhecimento ele adquiriu”.

O fato é que, expressivas e significativas mudanças que ocorrem nos dias de hoje irão influenciar diretamente o aproveitamento da aula ministrada. Embora muitos docentes tenham essa visão, outros, mantêm uma atitude conservadora, não utilizando-se das novas técnicas ou tecnologias em suas aulas, mantendo-as num grande monólogo, onde ele fala e o aluno escuta, são chamados de **professores tradicionais**, conforme descrito no site Obore, “O professor é o responsável pela transmissão dos conteúdos, é o centro do processo educativo”, e também

como descreve o pedagogo francês Georges Snyders (1974, p. 9 - 10), caracteriza-se pelo ensino centrado no professor e pela valorização do saber, de conhecimentos já constituídos, da autoridade do professor, da disciplina escolar e da memorização dos conteúdos de ensino. O que vai à contraposição com os Parâmetros Curriculares Nacionais, que diz que:

[...]o Ensino Médio deve orientar a formação de um cidadão para aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Isto é, deve buscar um modo de transformar indivíduos tutelados e infantilizados em pessoas em pleno exercício da cidadania, cujos saberes se revelem em competências cognitivas, sócio-afetivas e psicomotoras e nos valores sensibilidade e solidariedade necessária ao aprimoramento da vida neste País e neste planeta. Parâmetros Curriculares Nacionais (parte IV – Ciências Humanas e suas Tecnologias – Geografia, 2006, p. 31).

Nos dias atuais em que a Internet acelerou a distribuição de informações, que os smartphones são concorrentes dos professores em sala de aula, torna-se cada vez mais difícil prender a atenção do aluno, seja ele criança, adolescente ou adulto, durante uma hora aula, concentrados em atividades repetitivas, onde o professor sozinho tenta ser o centro da aprendizagem, tratando de assuntos fora da realidade do educando, sem contextualização com o seu cotidiano, levando muitas vezes, o aluno a se perguntar quando usará isso em sua vida, para que serve este conteúdo que está sendo ministrado. Manter a atenção do aluno em sala está diretamente relacionado a questão da aprendizagem, conforme descreve De-Nardin e Sordi (2006)

O conceito de atenção, situando-a além do ato de prestar atenção a tarefas, objetos ou situações externas. A atenção poderá ser então, um ato de encontro com experiências pré-simbólicas e de invenção de problemas. Sendo assim, a atenção poderá ser pensada não apenas como um processo único e homogêneo, mas como um movimento que se modula em diferentes fluxos e por isto pode mostrar-se funcionando de formas distintas. De-Nardin e Sordi (2006, p. 6).

O professor que busca as melhores formas de transmitir os saberes para seus educandos, está constantemente atualizado nos assuntos e nas novas técnicas de ensinar (tecnologias), são chamados de **professores contemporâneos**, utiliza-se de uma linguagem mais atraente aos alunos, opta pela utilização de mapas, desenhos, imagens e até mesmo do celular para tentar prender e manter os alunos atentos, incentivando sua participação, sem medo de questionamentos, utilizando vários recursos visuais e chamando frequentemente a atenção dos mesmos aos pontos principais do assunto. De acordo com Vieira e Sá:

A aula dinâmica, que tem a participação do aluno como sujeito na construção partilhada do conhecimento, pode ser bastante produtiva porque o aluno está motivado a buscar as informações e comprometido com as análises para comprovar seus porquês a cooperação na construção de um saber coletivo motiva todos que dela participam (VIEIRA; SÁ, 2010, p. 101 - 116).

Há vantagens e desvantagens em utilizar aulas expositivas. Como vantagem para o professor, pode-se citar o fato que ele tenha o domínio do assunto a ser tratado, na sequência e a duração que ele estiver preparado. Essa aula pode ser apresentada para qualquer grupo. Numa aula com apresentação utilizando o aplicativo Power point, por exemplo, o professor precisará de um computador, de um aparelho de projeção do tipo Datashow, coletar imagens e montá-las isso tudo, realmente requer um pouco mais de tempo, tais conceitos corroboram com Mazzioni (2006, p. 14), “que em seu estudo verificou que a maioria dos alunos consideram a resolução de exercícios como o tipo de aula mais eficaz para seu aprendizado. Também encontrou que a aula expositiva foi a estratégia de ensino que os alunos consideraram como a mais utilizada pelos professores”. No entanto, os resultados encontrados vão de encontro aos verificados por Nogueira e Bastos (2012, p. 234), “que na visão dos alunos, a estratégia de ensino denominada aulas expositivas era utilizada de forma menos constante pelos professores”.

As desvantagens que esse modelo de aula traz são a falta estimulação ao aluno, pois o seu sucesso depende da habilidade do professor em transmitir o conteúdo.

Alguns autores escrevem sobre a escolha de métodos e recursos para sala de aula e do cuidado que os professores devem ter ao fazer essa escolha. Ou seja, “temos que definir se queremos formar alunos copiadores ou criativos, alunos submissos ou críticos, se utilizamos pensamentos prontos ou incentivamos os alunos a pensar; enfim essa decisão metodológica é do professor”. (ACOSTA, 2007, p. 157).

## **2.2 - Tecnologia e Educação**

Na visão do pesquisador, a maioria das instituições de ensino possuem em seu quadro funcional professores que possuem experiências significativas e mesmo anos de estudos em suas áreas específicas, porém predomina o despreparo em preparar uma aula com a utilização de tecnologias atuais, pois é mais prático e simples, mandar os alunos fazerem cópias de um

texto ou capítulo de um livro e trabalhar encima deste conteúdo e por fim responder um questionário.

Preparar uma aula hoje em dia, com a popularização dos computadores pessoais, a Internet e mais recentemente com a proliferação das redes sociais e dos "smartphones", torna-se muito complicado incorporar conhecimento, por que há a facilidade de acesso à várias informações, nem sempre reais, e é preciso fazer com que os alunos aprendam a selecionar o que é verdadeiramente relevante, de acordo o objetivo que se quer alcançar, conforme Neto (2006. p. 61) “a defesa da Internet como ferramenta de acesso ao conhecimento enterra definitivamente as pedagogias centradas na transmissão de saberes, que subestimam o papel do aluno e os seus processos cognitivos na construção do conhecimento”.

É correto afirmar que nem tudo que envolve a tecnologia é facilmente aplicável no cotidiano escolar e existem infindáveis obstáculos. Por exemplo, o uso da Internet na sala de aula muitas vezes serve de distração para os alunos mais desinteressados. Além disso, na maioria das escolas públicas, principalmente, a Internet não chegou de forma suficiente e/ou é muito lenta para o uso de todos os alunos ao mesmo tempo.

A popularização das tecnologias e a introdução da informática nas aulas pode ampliar o horizonte dos alunos, alterando a forma de se comunicarem e até mesmo a forma em que estes alunos enfrentam os problemas ou desafios que surgem diariamente, segundo Fantin, (2011, p. 27): “o papel que as mídias têm desempenhado na contemporaneidade e na formação dos sujeitos”.

### **2.3 – Mídias e Educação**

Usar mídias em sala de aula requer que o professor pelo menos as conheça. Os programas aplicativos mais comuns utilizados hoje em dia são: Microsoft Word; gravador de arquivos em CD, DVD e Pen Drive como Nero; Microsoft Power Point e outlook para utilização de e-mail. E os equipamentos mais utilizados são: o computador, notebook e o projetor multimídia (Datashow). E ainda existem alguns professores que utilizam também o retroprojetor, TV e o vídeo cassete. O que descreve muito bem Paiva:

Quando surge uma nova tecnologia, a primeira atitude é de desconfiança e de rejeição. Aos poucos, a tecnologia começa a fazer parte das atividades sociais da linguagem e a escola acaba por incorporá-la em suas práticas pedagógicas. Após a

inserção, vem o estágio da normalização, definido por Chambers e Bax (2006, p.465) como um estado em que a tecnologia se integra de tal forma as práticas pedagógicas que deixa de ser vista como cura milagrosa ou como algo a ser temido. (PAIVA, 2008. P. 1)

Com a instalação de novos equipamentos tecnológicos e novas infraestruturas, o desenvolvimento e o uso das novas tecnologias deverão ser utilizados em grande escala no futuro, porém, o que vimos no âmbito educacional, é que o uso dessas novas tecnologias avança lentamente ou por falta de conhecimento dos docentes ou por desinteresse dos mesmos. Deve-se ressaltar que muitos não são preparados em suas formações, nas universidades para desenvolver métodos que aproxime o ato de ensinar há tecnologia existente, buscando desenvolver as competências, portanto “[...] novas tecnologias e velhos hábitos de ensino não combinam” (KENSKI, 2003, p. 75).

#### **2.4 – Vantagens na Utilização das Tecnologias na Educação**

Para os alunos a utilização dos smartphones há economia de tempo, diversidade de recursos, facilidade de utilização dos equipamentos, melhoria na aprendizagem, aumento da motivação, maior comodidade e dinamização nos debates, acesso à Internet, redes sociais e comunicação.

Sobre o acesso à Internet através do computador ou smartphone, os alunos descrevem que agiliza a busca pela informação que, antes era restrita ao uso das bibliotecas e dos livros.

A preocupação com o impacto que as mudanças tecnológicas podem causar no processo de ensino-aprendizagem impõe a área da educação a tomada de posição entre tentar compreender as transformações do mundo, produzir o conhecimento pedagógico sobre ele auxiliar o homem a ser sujeito da tecnologia, ou simplesmente dar as costas para a atual realidade da nossa sociedade baseada na informação (SAMPAIO; LEITE, 2000, p. 9).

Apesar do forte esforço adotado pela docência, este pesquisador percebe que no meio acadêmico existe muita reclamação de que o professor é sabedor do conteúdo, mas possui dificuldade em transmiti-lo há seus alunos, que frustrados não aprendem, ou então, aprendem muito pouco a respeito do conteúdo ministrado, pois não o aprende e sim apenas o decoram para passar na avaliação.

Entretanto, este fato, não é generalizado, porque alguns professores buscam várias formas de ensinar a aprendizagem, usando vários meios para isso, sendo os mais usados hoje

em dia: o Datashow, o e-mail, a Internet, vídeos, entre outros recursos, tudo isto para manter o aluno constantemente ligado ao assunto ou conteúdo que estão sendo discutido em sala de aula, desta forma, segundo De-Nardin e Sordi (2006, p. 6) “a atenção focalizada surge como condição fundamental para a aprendizagem: quanto maior o poder de manter o foco em determinado objeto, maiores as chances de sucesso”.

O professor frente a esta realidade, sempre atua de forma ativa, ensinando e encaminhando seus alunos de modo a superar esta deficiência de aprendizado. É por meio da tecnologia usada em sala de aula ou a distância busca solucionar o problema de aprendizado buscando atingir aqueles alunos dispersos de uma forma inovadora, despertando o interesse no saber. Dentro das universidades esse processo de busca de melhores formas de ensinar deve ser sempre pensado e repensado a cada novo semestre. “Não será a mesma coisa a aprendizagem com ou sem tecnologia” (MASETTO, 1998, p.23).

Por isso, o papel do professor em sala de aula é cada vez mais descentrado em si próprio, e este acaba por recorrer à diversidade de situações, experiências e materiais tecnológicos. Nesse aspecto, Masetto (1998, p.18), entende que “[...] o papel de transmissor de conhecimento, função desempenhada até quase os dias de hoje, está superado pela própria tecnologia existente”.

Dentro disso, a educação hoje não tem como se desvincular da informação e da tecnologia, criando uma forma nova para o processo chamado ensino-aprendizagem. Masetto (1998) explica o que já se pensou a respeito da tecnologia junto ao sistema educativo:

[...] tempos houve em que se pensou que a tecnologia resolveria todos os problemas da educação, e outros em que se negou totalmente qualquer validade para essa mesma tecnologia, dizendo-se ser suficiente que o professor dominasse um conteúdo e o transmitisse aos alunos, hoje, encontramos em uma situação que defende a necessidade de sermos eficientes e queremos que nossos objetivos sejam atingidos da forma mais completa e adequada possível, e para isso, não podemos abrir mão da ajuda de uma tecnologia pertinente (p. 23).

Devido a esta constatação, manter contato direto com o aluno quer seja por e-mail, sites, comunidades virtuais, salas de bate-papo ou aplicativo WhatsApp se torna fundamental, mesmo essas ferramentas que inicialmente foram e são usadas no ensino à distância ou semipresencial, se tornam essenciais também no ensino presencial.

O uso da informática na educação implica em novas formas de comunicar, de pensar, ensinar/aprender, ajuda aqueles que estão com a aprendizagem muito aquém da esperada.

Moran avalia que se usamos a Internet em sala de aula apenas pelo simples fato de usarmos estaremos desperdiçando tempo.

Ensinar com a Internet será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas do ensino. Caso contrário servirá somente como um verniz, um paliativo ou uma jogada de marketing para dizer que o nosso ensino é moderno e cobrar preços mais caros nas já salgadas mensalidades. (MORAN, 2008. P. 8)

Mas também não é aceitável que o professor, apenas chegue à sala, coloque um vídeo para os alunos assistirem e não contextualizar o assunto, isso não é aplicar a tecnologia, é somente perda de tempo.

### **3 – MÉTODO DE PESQUISA**

A presente monografia caracteriza-se como um estudo exploratório, visto que visa “proporcionar maior familiaridade com a questão do problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 2002, p. 11). Segundo Gil (2002), o estudo exploratório aprimora as ideias ou descobre intuições. O objetivo de uma pesquisa exploratória é familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido e pouco explorado no ensino de jovens e adultos – EJA na escola em questão. Ao final de uma pesquisa exploratória, você conhecerá mais sobre aquele assunto, e estará apto a construir hipóteses. Como qualquer exploração, a pesquisa exploratória depende da intuição do explorador (neste caso, dos alunos do pesquisador). Por ser um tipo de pesquisa muito específica, quase sempre ela assume a forma de um estudo de caso (GIL, 2008). Nesta pesquisa caracterizou um estudo de caso de uma turma específica com um contexto único.

A pesquisa qualitativa, que foi aplicada nesta pesquisa, de maneira mais detalhada, é entendida como uma investigação que tem como preocupação central o exame dos dados em um tipo de profundidade que não é captada pelos números, tabelas e dados quantitativos, mesmo que não sejam eles representativos a outros casos de estudo, ou seja, o que se pretende descobrir, muitas vezes, é particular àquela situação e, por isso, é examinado no detalhe para aquele caso, tendo em conta a perspectiva histórica e/ou social do momento em que se faz a análise. Creswell (2007, p. 35) define a pesquisa qualitativa como “[...] aquela em que o investigador sempre faz alegações de conhecimento com base principalmente ou em perspectivas construtivistas [...] ou em perspectivas reivindicatórias/participatórias [...] ou em ambas”. Essas perspectivas visam buscar as experiências individuais, construídas socialmente, e têm por objetivo desenvolver teorias, reivindicar políticas ou colaborar para a mudança do objeto pesquisado. Creswell (2007, p. 184) diferencia a pesquisa qualitativa da quantitativa da seguinte forma:

[...] os procedimentos qualitativos apresentam um grande contraste com os métodos de pesquisa quantitativa. A investigação qualitativa emprega diferentes alegações de

conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coleta e análise de dados. Embora os processos sejam similares, os procedimentos qualitativos se baseiam em dados de texto e imagem, têm passos únicos na análise de dados e usam estratégias diversas de investigação.

### **3.1 – Delineamento da Pesquisa**

Minayo (2013), propõe que a metodologia constitui o caminho do pensamento e a prática exercida na realidade. Esta pesquisa é uma abordagem qualitativa e caráter exploratório. As pesquisas dessa natureza têm sido utilizadas para explorar determinados fenômenos possibilitando a comunicação intencional e familiarização do pesquisador com os sujeitos e problemas de pesquisa (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2008), trabalhando com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes dos sujeitos (MINAYO, 2013). Creswell (2010) acrescenta que uma das principais características da pesquisa de abordagem qualitativa é entender o significado atribuído a um determinado fenômeno social ou humano na perspectiva do grupo pesquisado.

### **3.2 – Sujeitos**

Participaram desta pesquisa quarenta (40) alunos, de ambos os sexos, na faixa etária entre 27 e 59 anos, que trabalham em diversos segmentos da economia nacional.

Estudantes de uma Instituição localizada em um bairro de classe média da região metropolitana de Porto Alegre no Rio Grande do Sul.

Tais alunos estudam no terceiro turno, fazendo o ensino médio através da modalidade EJA, anteriormente conhecida como Supletivo, é uma modalidade educacional criada com o objetivo de democratizar o ensino do Brasil, possibilitando as pessoas que não tiveram acesso à escola na idade convencional concluíam seus estudos. A modalidade EJA permite que os estudantes concluíam sua formação em um espaço menor de tempo do que a educação regular. Ele é composto por módulos, e cada um destes módulos do EJA, equivale a um ano do ensino tradicional, com duração de seis meses cada módulo.

### **3.3 – Material**

Os dados foram obtidos por meio de questionário estruturado com cinco (5) questões, que pode ser visto no anexo 1, alguns alunos tiveram dúvidas sobre a forma de responderem as questões, que foram esclarecidas uma a uma, com o pesquisador fazendo a leitura das questões e explicando a forma da qual deveriam ser respondidas.

### **3.4 – Procedimentos para coleta de dados**

Inicialmente, o pesquisador entrou em contato com os alunos do Ensino de Jovens e Adultos – EJA, do Ensino Médio. Foram explicitados os objetivos da pesquisa e solicitado o consentimento para a realização das pesquisas, O termo de consentimento poderá ser visto no anexo 2.

A coleta transcorreu durante a aula de geografia e teve a duração de quarenta e cinco minutos, alguns alunos tiveram dúvidas sobre a forma de responderem as questões, que foram esclarecidas uma a uma, com o pesquisador fazendo a leitura das questões e explicando a forma da qual deveriam ser respondidas.

A escolha das questões da pesquisa ocorreu pelo interesse em descobrir se o uso do celular é ou não autorizado em sala de aula. Devido o celular estar cada vez mais presente em nossa vida, precisamos descobrir se seu uso é incentivado também em sala de aula, desta forma busca-se contribuir para a realização de futuros estudos, melhorando sua aplicabilidade no dia a dia acadêmico.

A análise dos resultados baseou-se nas cinco questões que compuseram o questionário, quais sejam: os professores da área das ciências humanas autorizam o uso do celular em suas aulas; os professores incentivam os alunos a utilizarem o celular; o professor utiliza o celular em sala de aula no desenvolvimento de sua aula; você já usou o celular em sala de aula e se você já utilizou, descreva em qual atividade e como foi sua experiência. Os dados que emergiram dos questionamentos foram gerados gráficos e analisados com embasamento na fundamentação teórica exposta, conforme podemos verificar no capítulo 4.

## **4 – PESQUISA “O USO DO SMARTPHONE EM SALA DE AULA”**

A pesquisa foi realizada no período de 07 a 28 de maio de 2018, nas turmas do ensino de jovens e adultos – EJA, de uma escola localizada em um bairro de classe média da região metropolitana de Porto Alegre no Rio Grande do Sul.

Para traçar o perfil das turmas, a técnica de coleta de dados utilizada foi a entrevista, no formato semiestruturado é um meio termo entre as estruturadas e não estruturadas. Foi um questionário semiaberto, ou seja, um roteiro para a entrevista, que foram lidas e explicadas pelo pesquisador. O número de questões foi cinco, pois se apresentou o suficiente para análise da questão de pesquisa. As informações do questionário estão separadas de acordo com a questão.

Para Triviños (1987, p. 146) a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos poderiam gerar novas hipóteses a partir das respostas dos alunos. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual elaboramos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes a pesquisa. Para o autor, com este tipo de entrevista pode fazer surgir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

A escolha pela realização da pesquisa na área das ciências humanas se deu pelo fato de ser a área de formação e atuação do pesquisador e pela necessidade de aproximar o aluno há uma forma atual de busca pelo conhecimento, utilizando uma ferramenta mais próxima dos

alunos, o smartphone. Já a escolha da turma de EJA, eram alunos com maior maturidade e alguns não demonstravam experiência na utilização do smartphone.

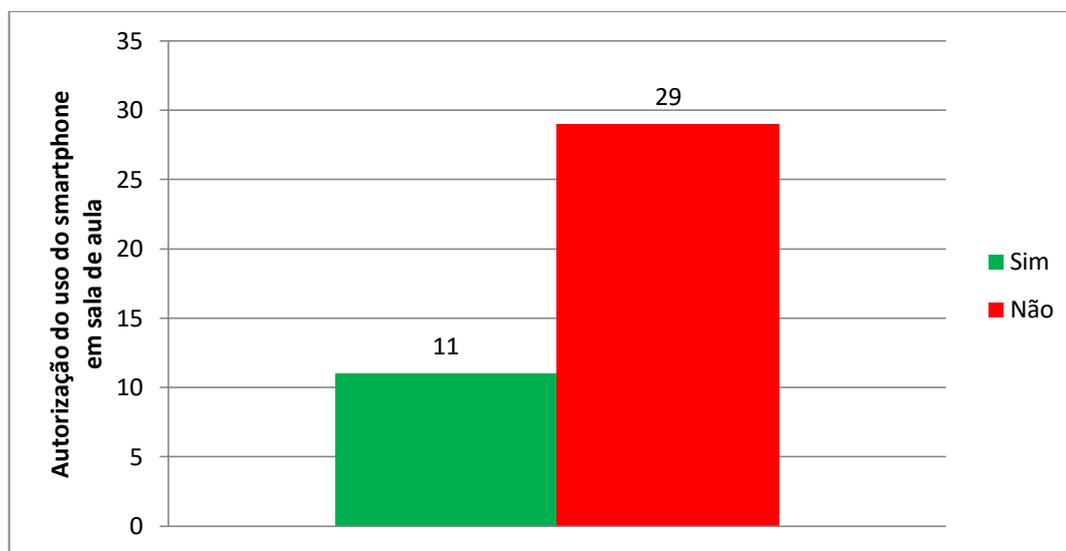
O questionário foi aplicado durante uma aula de geografia, cujo assunto tratado em aula era a diferença de fuso horário. Foi exposto que se tratava de uma pesquisa científica que os nomes dos participantes jamais seriam relacionados a pesquisa, que o pesquisador é estudante de pós graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, Anexo 2, que tem uma autorização acadêmica e após o exposto e aceite dos alunos foi distribuído o questionário, Anexo 1, aos alunos interessados em participar da pesquisa.

A primeira questão aplicada na turma foi:

“Os professores da área das ciências humanas autorizam o uso do smartphone em suas aulas?”.

Foram respondidos por quarenta alunos, sendo que onze responderam sim e vinte e nove responderam que não. Como o gráfico 1 mostra que o uso do celular não é incentivado pelos professores da área das ciências humanas.

**Gráfico 1 – Autorização do smartphone em sala de aula**



Fonte: Pesquisa com os alunos do Ensino de Jovens e Adultos – EJA

Pesquisas já demonstraram que autorizar o uso do smartphone em sala de aula é uma forma de incentivar o aluno a estudar, Mateus e Brito (2011), por exemplo, afirmam que em

vez de proibir o uso dos smartphones, o melhor caminho seja utilizá-los como recursos que favoreçam a aprendizagem e a busca pelo conhecimento.

Porém não se trata somente de coisas positivas ou negativas, como defende também Côrtes (2009, p. 18) “Atualmente, não podemos mais adiar o encontro com as tecnologias; passíveis de aproveitamento didático, uma vez que os alunos voluntários e entusiasticamente imersos nestes recursos – já falam outra língua, pois desenvolveram competências explicitadas para conviver com elas”. Nesse sentido o uso do smartphone em sala de aula não é mais uma opção, mas uma exigência desta sociedade. É imprescindível que o professor vença esta barreira e desenvolva o conhecimento necessário para que faça uso desta tecnologia.

Acredita-se que ao autorizar o uso do smartphone em sala de aula, o professor motivará o aluno a participar mais efetivamente das discussões pautadas pelo assunto.

Verifica-se que outras experiências e sugestões pedagógicas são listadas por Antonio (2010, p.5) para o uso pedagógico dos smartphones em sala de aula e também fora dela:

[...] se você em algum momento faz cálculos em salas de aulas e solicita que os alunos os façam, e a menos que por alguma boa razão eles devam fazer esses cálculos com algoritmo específicos e usando papel e lápis, então considere fortemente a possibilidade de usar os celulares como calculadora. Além disso, se você é professor de matemática e quer ensinar seus alunos como resolver expressões aritméticas obedecendo as regras de procedência de operadores, considere que o uso de calculadoras, e portanto celulares, consiste em um método bastante eficaz de fazê-lo, pois as máquinas seguem a ordem que nós determinamos para as operações. Se você marca datas de provas, entregas de trabalho ou outras datas que considera importante que os alunos se lembrem, peça-lhes que anotem essas datas (...) na agenda do celular que tem mecanismos de alerta. Já é possível criar serviço de envio de mensagens de aviso por e-mail ou via torpedo. Pelo celular é possível receber atualizações de sites, blogs e até mesmo de mensagens de Twitter, bem como fazer o caminho oposto. Se quiser dar um passo adiante você pode criar um serviço desses e disponibilizar para seus alunos; o telefone celular também é um serviço de leitura de notícias e de publicação de notícias (ANTONIO, 2010, p.05).

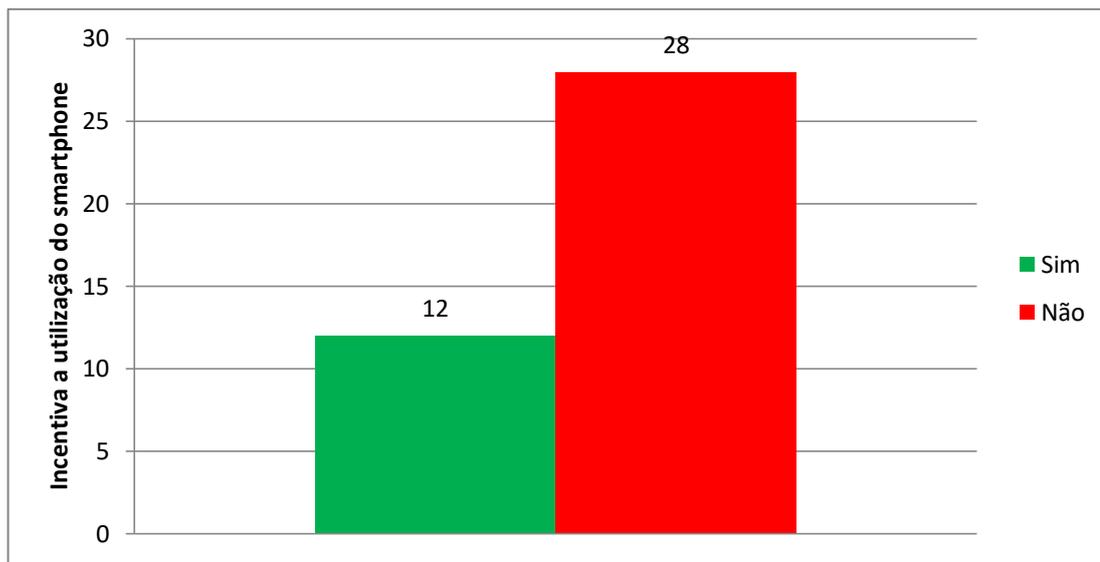
Portanto, está colocado um desafio aos professores em ampliar e tornar mais efetivo o uso do smartphone em suas aulas e atividades educativas.

Na segunda questão, foi perguntado:

“Os professores incentivam os alunos a utilizarem o smartphone?”,

Da mesma forma que os professores da área das ciências humanas não autorizam a utilização do smartphone em suas aulas, os mesmos não incentivam que seus alunos, o utilize como ferramenta de pesquisa em sala de aula, como demonstrado no gráfico 2.

Gráfico 2 – Incentivo o uso do smartphone.



Fonte: Pesquisa com os alunos do Ensino de Jovens e Adultos – EJA

É impossível pensarmos no desenvolvimento da educação sem o acesso à tecnologias comunicativas, portanto cabe a nós professores incentivar seu uso e utilizar também o smartphone como ferramenta educacional. Segundo o doutor em filosofia Bittencourt (2011, p. 59):

Talvez as leis mais violadas pelos brasileiros sejam aquelas que proíbem o uso de celulares em espaços educacionais. Nas escolas e universidades é praticamente luta perdida impedir o alunado de acessar seus apetrechos eletrônicos, uma saída plausível seria então o professor integrar tais recursos como ferramentas didáticas nas suas atividades pedagógicas, pois o aluno infantilizado pelo fetiche da tecnologia mostra-se extremamente reativo ao ser inquirido a guardar seus “brinquedos eletrônicos”.

Para Antonio (2010, p. 5), “O que causa a distração nos alunos é o desinteresse pela aula e não a existência pura e simples de um telefone celular”. Como exemplo muito simples, existem alunos que não se distraem nem se tornam dispersos estando com o celular em seus bolsos ou sobre a classe.

Ou seja, pode-se pensar que é uma reduzida capacidade de atenção é, na verdade, uma escolha de prestar atenção a outras coisas mais interessante, pois:

A instituição que educa deve deixar de ser um lugar exclusivo em que se aprende apenas o básico (as quatro operações, socialização, uma profissão) e se reproduz o conhecimento dominante, para assumir que precisa ser também uma manifestação de vida em toda sua complexidade, em toda sua rede de relações e dispositivos com uma comunidade, para revelar um modo institucional de conhecer e, portanto, de ensinar o mundo e todas as suas manifestações (IMBERNÓN, 2000, p. 09).

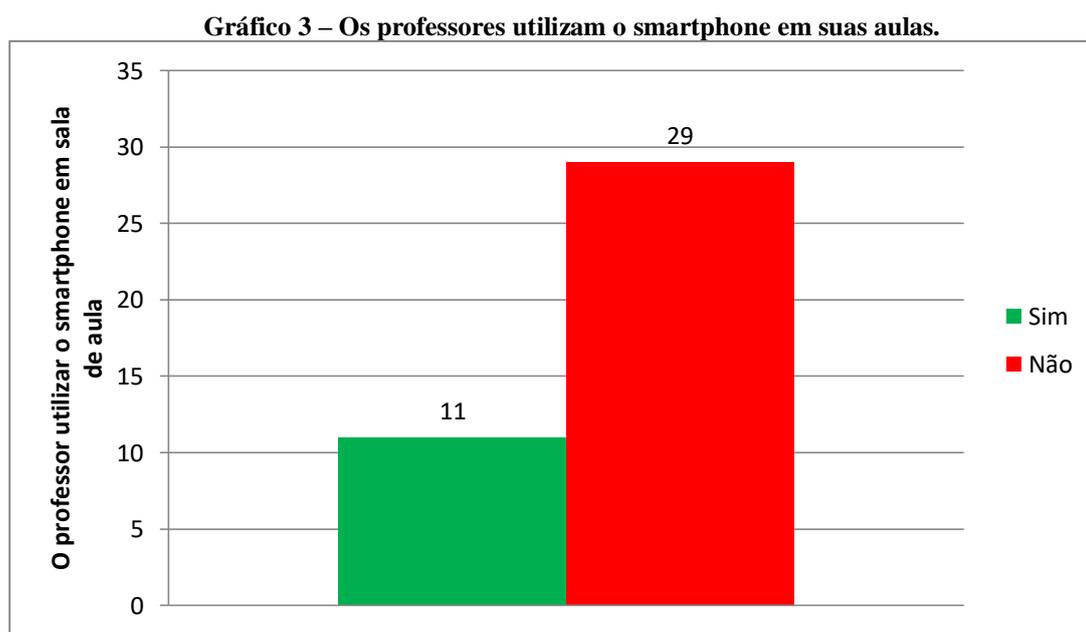
Apenas autorizar o uso do smartphone em aula, não acarretará diferença alguma, caso o professor não incentive o manuseio desse aparelho como ferramenta de pesquisa. O mesmo deverá ser utilizado de forma a deixar de ser visto como um brinquedo eletrônico para se transformar num recurso didático capaz de facilitar o aprendizado.

Cabe ao professor incentivar os alunos a usarem seu smartphone, para compartilharem conteúdos vistos em sala de aula quando, por exemplo, o professor mencionar um fato histórico ou um local no globo terrestre, o aluno tem a possibilidade de pesquisa sobre ele imediatamente e trazer dúvidas e/ou novidade. Distrações sempre existiram, causadas por conversar paralelas ou por desenhos feitos em seus cadernos durante a aula, o smartphone é somente mais uma forma de perder o foco.

A questão três, perguntou:

“O professor utiliza o smartphone em sala de aula no desenvolvimento de sua aula?”

Neste ponto encontramos um fator agravante, pois nossos professores não utilizam o smartphone em sala de aula como ferramenta de ensino em suas aulas, como podemos constatar no gráfico 3.



Fonte: Pesquisa com os alunos do Ensino de Jovens e Adultos – EJA

Acreditando que o smartphone pode promover e enriquecer o processo educacional em sala de aula e conforme defendido pela UNESCO através de suas diretrizes que visam auxiliar os formuladores de políticas a compreender melhor o significado de aprendizagem através do

smartphone e quais os benefícios eles podem trazer ao serem utilizados, além de permitir o progresso da inclusão e educação para todos, defende:

Atualmente, um volume crescente de evidências sugere que os aparelhos móveis, presentes em todos os lugares – especialmente telefones celulares e, mais recentemente, tablets – são utilizados por alunos e educadores em todo o mundo para acessar informações, racionalizar e simplificar a administração, além de facilitar a aprendizagem de maneiras novas e inovadoras (UNESCO, 2013, p. 7).

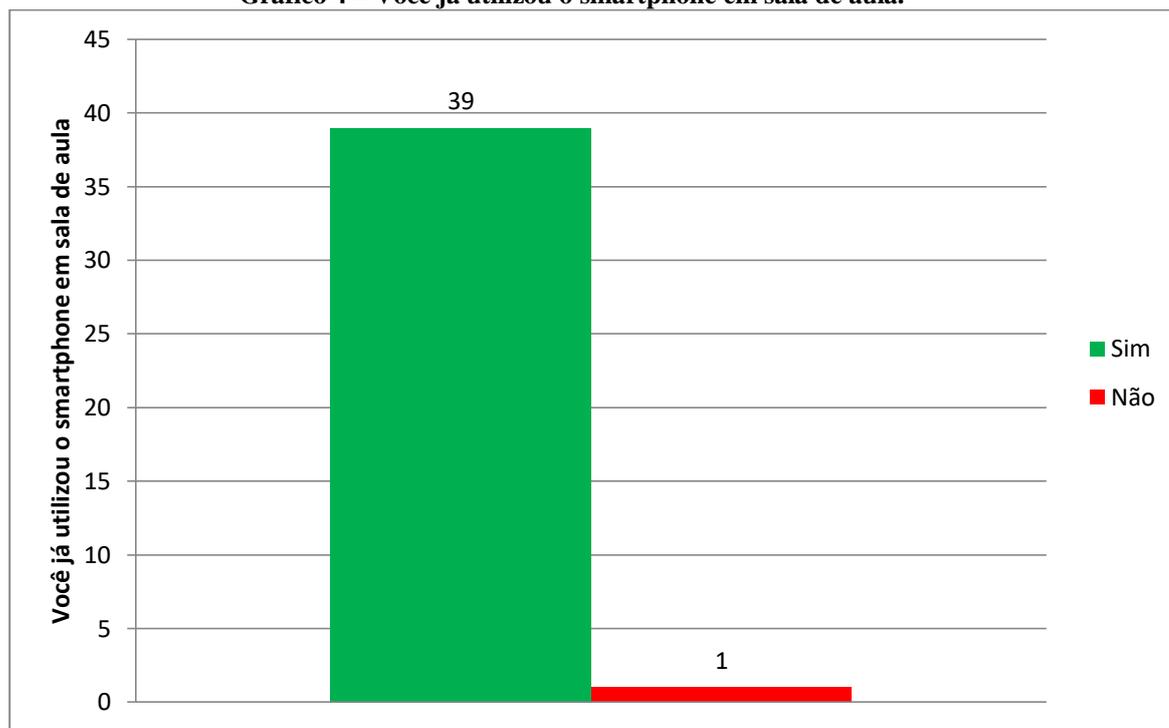
Proibir o uso do smartphone em sala de aula é mais prejudicial do que benéfico, pois, com a censura, perde a educação e perde a sociedade. Para Sérgio Amadeu Silveira, pesquisador de Comunicação Mediada por Computador e da Teoria da Propriedade dos Bens Imateriais, diz que "não tem sentido você proibir que os estudantes tenham acesso a um meio de comunicação que cada vez mais vai adquirir importância na sociedade. Ao contrário, se a gente tem problemas do uso indevido nas escolas, esse é um bom lugar para ensinar como as pessoas devem se portar com o celular". Amadeu (2009, p. 18) ainda ressalta:

"Se existem algumas coisas ruins, como por exemplo, a pessoa usar o celular para fazer um joguinho em sala de aula ou para fazer ligações, isso requer uma postura da escola em relação aos alunos. Se é impossível ensinar um comportamento de uso de celular a um estudante, o que será possível?" Amadeu (2009, p. 18).

Embora o smartphone na maioria das vezes não seja um recurso utilizado em aula pela maioria dos professores, há de se considerar que deva passar a ser visto como uma eficaz ferramenta a fim de aproximar aluno a tecnologia mais atual.

A quarta indagação do questionário diz respeito à  
"você já usou o smartphone em sala de aula?".

Analisando as respostas temos trinta e nove alunos responderam que sim, como mostra o gráfico 4.

**Gráfico 4 – Você já utilizou o smartphone em sala de aula.**

Fonte: Pesquisa com os alunos do Ensino de Jovens e Adultos – EJA

O fato de os alunos utilizarem o smartphone na sala de aula, não é de forma alguma surpreendente, por este fato, é visível a cada momento e cada vez mais difícil de controlar ou mesmo impedir seu uso.

Phebo (2009) complementa: "A lei só vê um lado da questão: o lado da falta de educação e desrespeito da utilização. Se os próprios educadores não tiverem um olhar diferenciado sobre como podem transformar a ferramenta celular de "vilão" em "mocinho", a lei continuará impedindo que este instrumento tecnológico de múltiplas funções possa se transformar em ferramenta didática".

Definitivamente, o que mais se faz em nossas escolas de acordo com as legislações em vigor é proibir o uso do celular, porém, é inegável perceber sua presença cada vez maior no ambiente escolar, seja para pesquisas, seja para gravação das aulas ou mesmo para passar o conteúdo para um colega que por algum motivo faltou a aula. Muitas vezes nos deparamos com conceitos antigos, que diz: "a educação é coisa séria, o que diverte não educa" e não deve estar presente no ambiente escolar, mas também sabemos que brincar faz parte do aprendizado. A brincadeira é vista como atividade aprendida, ele atribui à brincadeira o resultado de relações interindividuais, a qual pressupõe uma aprendizagem social, complementando que "brincar não é uma dinâmica interna do ser humano, mas um exercício

com uma significação social precisa que, necessitam de aprendizagem”. Cava (apud Brougère, 1998=).

E analisando a concepção do autor pode-se perceber que a brincadeira assimila e destrói qualquer distância de cultura. Ela aparece com fator de assimilação de elementos culturais, cuja, heterogeneidade desaparece em proveito de uma homogeneidade construída pela criança no ato lúdico. Para ele, a brincadeira ao manipular e se apropriar dos códigos sociais manipula valores (o Bem e o Mal), brincar com o medo e o monstro. Cava (apud Brougère, 1998, p.20).

É de grande relevância destacar a frase em que o autor fala “brincar não é uma dinâmica, necessita de aprendizagem”. Com certeza a brincadeira exige aprendizagem porque de início, o aluno aprende as regras e também a socializar-se com outros, quebrando a ideia de que só existe ele no mundo.

Em contraposição à Pedagogia (do grego paidós, criança), que se refere à educação de crianças, a Andragogia é a arte de ensinar adultos, sendo um modelo de educação que busca compreender o adulto dentro da escola, rompendo com aqueles padrões apresentados pela Pedagogia. A Andragogia corresponde à ciência que estuda as melhores práticas para orientar adultos a aprender. Na Andragogia, a aprendizagem é focada mais naquilo que é necessário à vivência do aluno na sociedade, com propostas de atividades que envolvem ações do cotidiano que irão ajudá-lo a enfrentar problemas reais (surgidos na vida pessoal de qualquer ser humano), uma vez que é centrada na aprendizagem e não somente no ensino. Sendo assim, o aluno é um agente de sua aprendizagem, interagindo e se apropriando de saberes que contribuem para sua autonomia.(Martins, 2013, p. 144 e 146)

Analisando as concepções de Martins pode-se perceber as observações que o aluno faz sobre o universo a sua volta e como ela reflete em seu aprendizado estimula o desenvolvimento da atenção, da interação, da memória, favorecendo a socialização entre aluno – professor, deixando o ato de ensinar – aprender mais leve e simples.

Na última questão, foi perguntado:

“Se você já utilizou, descreva em qual atividade e como foi sua experiência”.

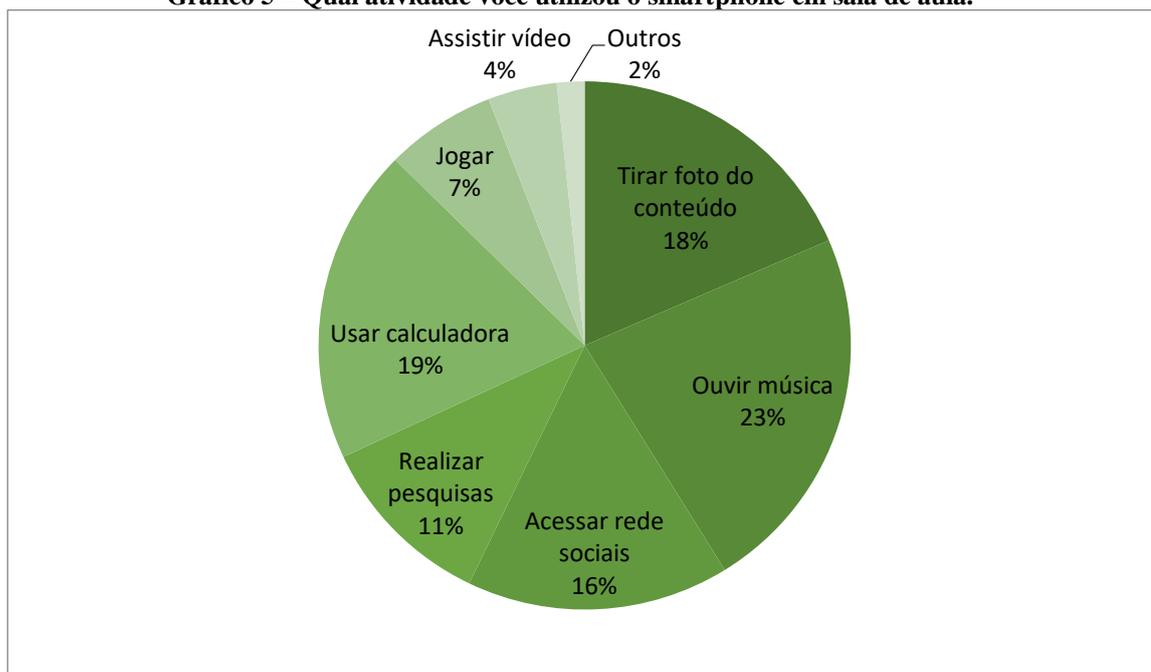
O gráfico 5, mostra uma aceitação dos alunos com a utilização do smartphone em sala de aula e as atividades mais utilizadas são: tirar foto do conteúdo que representou 18% das respostas, ouvir música com 23%, acessar redes sociais com 16%, realizar pesquisas com 11%, utilizar a calculadora com 19%, jogar com 7%, assistir vídeos com 4% e outros com 2%.

Pode-se evidenciar que cada vez mais temos a necessidade de nos mantermos conectados as redes sociais e não importa o local, quer seja em casa, na rua e até mesmo na escola. Mas o que chamamos de redes sociais, na realidade são redes sociais virtuais, que

nada mais são do que a transposição das antigas formas de organização social para o meio virtual. Redes sociais virtuais seriam, portanto, segundo Torres (2009, p. 114), “[...] sites ou recursos que permitem a interação e a troca de informações entre pessoas, ou melhor, [...] redes de pessoas formadas por meio dos recursos dos sites que participam”. Como evidencia Torres, é comum confundirmos sites de redes sociais com as próprias redes de internet em si, principalmente quando as associamos ao smartphone e muitas vezes acabamos deixando de socializar pessoalmente com nossos colegas, mesmo dizendo que não podemos ficar incomunicáveis, temos a necessidade de manter contato.

Desta maneira, buscamos formas de nos comunicar, até chegarmos ao smartphone, como descreve Ipanema (1967, p. 6) “Ao lado da tinta, desenvolveu ele os instrumentos para usá-la e o suporte para receber o registro que desejou fazer”, ou seja, desenvolvendo também a tecnologia para o uso desta tinta e seu manuseio. “Desse momento para diante então, no afã de informar e ser informado, o ser humano cria, aproveita ou adapta, os elementos que mais facilmente encontra, para serem usados como veículos de comunicação [...]” (IPANEMA, 1967, p.5). Então, devemos encontrar uma forma de associar o uso do smartphone também nas atividades escolares.

**Gráfico 5 – Qual atividade você utilizou o smartphone em sala de aula.**



Fonte: Pesquisa com os alunos do Ensino de Jovens e Adultos – EJA

O resultado da pesquisa foi interessante, como o fato de ouvir música que na pesquisa atingiu 23%, foi questionado o porquê que os alunos utilizam deste copiam a matéria auxilia

na concentração. Também foi questionado aos alunos, por que eles preferem tirar foto do conteúdo (18%), para depois copiarem em seu caderno, obteve-se como resposta que preferem copiar do smartphone ao invés de diretamente do quadro.

Com a pesquisa, constatou-se que alguns alunos entre as etapas de tirar foto e copiar o conteúdo para o caderno, os mesmos tiram um tempo para acessar as redes sociais (16%) ou jogar (7%), pois segundo estes alunos, eles sentem a necessidade de se manterem conectados com seus amigos.

Mesmo sendo proibido o uso do celular em sala de aula, conforme descreve a Lei nº 12884 de 03 de janeiro de 2008 – Art. 1º - “Fica proibida a utilização de aparelhos de telefonia celular dentro das salas de aula, nos estabelecimentos de ensino do Estado do Rio Grande do Sul”. Este equipamento é muito utilizado como foi constatado na pesquisa e é defendida por Borba; Gadanidis e Silva (2014, p.77):

A utilização de tecnologias móveis como laptops, telefones celulares ou tablets tem se popularizado consideravelmente nos últimos anos em todos os setores da sociedade. Muitos de nossos estudantes, por exemplo utilizam a internet em sala de aula a partir de seus telefones para acessar plataformas como o Google. Eles também utilizam as câmeras fotográficas ou de vídeo para registrar momentos das aulas. Os usos dessas tecnologias já moldam a sala de aula, criando novas dinâmicas, e transformam a inteligência coletiva, as relações de poder (de Matemática) e as normas a serem seguidas nessa mesma sala de aula.

Proibir o uso do smartphone em sala de aula é praticamente impossível já que a maioria todos os alunos já o utilizaram, seja para alguma atividade voltada ao ensino, (tirar foto do conteúdo, realizar pesquisas ou utilizar a calculadora), ou simplesmente para fazer o tempo passar (ouvir música, acessar redes sociais, jogar ou assistir vídeos).

Existe uma preocupação latente sobre o uso de smartphone, pois os jovens parecem não perceber o quanto o uso deste aparelho, durante a aula, lhes é prejudicial. O smartphone é capaz de desviar a atenção dos estudantes e provocar conflitos entre professores e alunos, no que diz respeito à privacidade, por exemplo.

Além disso, geralmente, os adolescentes utilizam os seus smartphones para pesquisar por conteúdos que nada têm a ver com aprender, sendo muitas vezes, inapropriados para o ambiente escolar. Analisando sob esse ponto de vista, não nos resta dúvidas de que a aplicação dessa lei é bastante positiva quanto ao rendimento escolar dos alunos de uma instituição.

Todavia os professores podem transformar este vilão em um mocinho, usar o smartphone para fins pedagógicos.

Apesar dos seus aspectos negativos, se utilizado da maneira correta, o smartphone permite o acesso à informação a qualquer hora e em qualquer lugar. Já que os jovens se sentem tão, visivelmente, estimulados pela tecnologia, é sábio se aproveitar desse interesse para mantê-los focados em uma atividade que possui a proposta de ensiná-los algo.

Com isso, fica a questão: por que não utilizar essa ferramenta para fins educativos? Já tentaram fugir da TV e do vídeo. Não dá para fugir do smartphone.

Visto que já existem aplicativos voltados para a educação e a alfabetização, essa realmente parece ser uma ideia interessante. A partir do smartphone, seria possível ensinar e aprender, criando uma relação entre a educação formal e a não formal, uma proposta fundamental para os jovens da atualidade. Também abre uma gama de assuntos e possibilidades, como instruir os alunos sobre o comportamento cibernético e o respeito à privacidade, temas contemporâneos e igualmente essenciais pra a compreensão de qualquer cidadão.

## **5 - CONCLUSÃO**

Possibilitar ao professor repensar sua ação docente, tendo o uso do smartphone como ferramenta pedagógica, para a promoção de mudanças na prática de ensino, levando-o a buscar formas inovadoras de utilizar esse equipamento como aliado no processo de ensino – aprendizagem.

É importante ressaltar que esta pesquisa não encerra o assunto e sim é o ponto de partida para que se busquem formas de ensinar com o auxílio das tecnologias disponíveis e de fácil acesso hoje, principalmente o smartphone.

Os resultados da pesquisa mostram que os alunos estão utilizando de forma errada o smartphone como ferramenta pedagógica e se fosse autorizado seu uso poderia ser agregador no processo de ensino de jovens e adultos. O uso do smartphone como ferramenta pedagógica para os professores do ensino de jovens e adultos - EJA se configura em um recurso dinâmico que favorece o trabalho do professor, enriquecendo as suas possibilidades de ensino. O smartphone possibilita que o trabalho se torne mais interessante, criativo e interativo, facilitando o acesso às informações.

O recurso do smartphone aplicados no ambiente educativo podem contribuir qualitativamente, ajudando a ampliar e a modificar as formas de ensinar e aprender nos dias atuais. É importante salientar que o uso desses recursos no processo de ensino e aprendizagem deve levar em considerações as particularidades de cada turma, a possibilidade de acesso a internet pelo aluno, a infraestrutura disponível da escola, e as ações construídas pelo professor de cada área de ensino.

Este pesquisador, em suas aulas incentiva e cria possibilidades para que os alunos utilizem o smartphone como ferramenta de pesquisa e auxílio direto em suas aulas, como por exemplo, em uma aula de orientação, incentivou os alunos a baixarem um aplicativo de bússola para que os mesmos compreendessem o conteúdo e utilizassem seus smartphone na substituição da bússola em uma pista de orientação espacial.

Diante das reflexões desenvolvidas através desta pesquisa, acredita-se que o smartphone é um recurso facilitador da aprendizagem, porém é um grande desafio metodológico para os professores. Pois, embora exista um interesse por parte dos professores em superarem uma postura tradicional do ensino e de utilizarem o smartphone como apoio pedagógico, ainda existem dificuldades e barreiras que limitam essas ações, como a falta de preparo com o manuseio das novas tecnologias.

O professor precisa se apropriar do uso do smartphone não somente como fonte de pesquisa e de informações. É preciso utilizar os recursos que o smartphone possibilita de forma prática com os alunos, ultrapassando o isolamento do espaço físico da sala de aula e proporcionando a construção coletiva do conhecimento, compartilhando experiências, ideias, materiais didáticos e opiniões, seja através de fóruns, grupos de WhatsApp, ou até mesmo nas redes sociais.

Desse modo a educação estará assumindo uma aprendizagem coletiva e interativa, tornando-se acessível a todos, já que inibir sua utilização está cada vez mais fora de questão.

Assim sendo, a postura pedagógica que o professor assume no processo de ensino e aprendizagem é o que fará a diferença, a utilização do smartphone sozinho não será capaz de ensinar ninguém. O professor que se limita a utilização do smartphone apenas para pesquisar assuntos sem o devido controle, pode contribuir para o desenvolvimento de indivíduos alienados e apenas reprodutores da opinião de outras pessoas.

As variáveis estudadas neste trabalho possibilitam que os resultados analisados, sejam apenas a ponta do iceberg. Estes estudos deveriam ser ampliados em sua base de pesquisa para outras áreas do saber e também em outros níveis escolares para que seja averiguado se o uso do smartphone em sala de aula trará benefício ou não no processo ensino aprendizagem.

## 6 - REFERÊNCIAS

ABUD, Maria José Milharezi. **Professores do ensino superior: características de qualidade**. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 2001.

ACOSTA, Ana Jamila. **Cadernos Universitários – Didática do Trabalho Pedagógico – nº427**. ULBRA, 2007.

ANTONIO, José Carlos. **Uso pedagógico do telefone móvel (Celular)**, Professor Digital, SBO, 13 jan. 2010. Disponível em: <https://professordigital.wordpress.com/2010/01/13/uso-pedagogico-do-telefone-movel-celular/>. Acesso em 16 de nov. 2018.

BITTENCOURT, Renato Nunes; CABRAL, Alexandre Marques; BARROS, Tiago Mota da Silva e SAMPAIO, Juliana Lira. **Filosofia – um panorama histórico e temático**. Mauad: Rio de Janeiro. 2011.

BORBA, Marcelo de Carvalho; GADANIDIS, George e SILVA, Ricardo Scucuglia Rodrigues da. **Fases das tecnologias digitais em Educação Matemática – Sala de aula e internet em movimento**. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em 19 de jun. 2018.

BÜHLER, Caren. **O professor como mediador nas relações entre aluno e a realidade**. Organização do Trabalho Pedagógico. Organização Ana Jamila Acosta, Canoas: Ed ULBRA, 2007. p.157. (Caderno Universitário; 427).

CAVA, Laura Célia Sant’Ana Cabral. **Ensino de artes: pedagogia**. São Paulo: Person Prentice Hall, 2009.

CHIOFI, Luiz Carlos; OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. **O uso das tecnologias educacionais como ferramenta didática no processo de ensino e aprendizagem**. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/III%20Jornada%20de%20Didatica%20-%20Desafios%20para%20a%20Docencia%20e%20II%20Seminario%20de%20Pesquisa%20do%20CEMAD/O%20USO%20DAS%20TECNOLOGIAS%20EDUCACIONAIS%20COM%20FERRAMENTA.pdf>. Acesso em: 22 de set. 2018.

CÔRTEZ, H. **A importância da tecnologia na formação de professores.** Revista Mundo Jovem, Porto Alegre, nº 394, março de 2009, p.18.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e misto.** Trad. De Luciana de O. da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DE-NARDIN, Maria Helena. Pedagoga e psicopedagoga. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. SORDI, Regina. Psicóloga e psicopedagoga. Professora adjunta do Instituto de Psicologia e da Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS. Artigo Monográfico: **Um estudo sobre as formas de atenção na sala de aula e suas implicações para a aprendizagem.** 2006. Disponível em: [revistapsisoc@gmail.com](mailto:revistapsisoc@gmail.com). Acesso em 13 de out. 2018.

DESLAURIERS, J. P.; KÉRIST, M. O delineamento da pesquisa qualitativa. In POUPART, J. et al. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2008.

FANTIN, M. (2011). **Mídia-educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos. Olhar de professor.** In: Ponta Grossa, 14 (1): p. 27–40. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>>. Acessado em: 12 fev. 2017.

FERREIRA, Eduarda. **Jovens, Telemóveis e Escola.** Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova Lisboa, Portugal, 2009. Disponível em: <http://run.unl.pt/bitstream/10362/3368/1/eduarda%20ferreira%20tese.pdf>. Acesso em: 12/11/2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo, v. 5, n. 61, p. 16-17, 2002.

IMBERNÓN, Francisco (org.). **A educação no século XXI.** Porto Alegre: ARTMED, 2000.

IPANEMA, Marcello. **História da Comunicação.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1967.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância.** Campinas, SP: Papirus, 2003.

MANZINI, Eduardo José. **Formas de raciocínio apresentadas por adolescentes deficientes mentais: um estudo através de interações verbais.** Tese (doutorado). Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, 1995.

MARTINS, Rose Mary Kern. **Pedagogia e andragogia na construção da educação de jovens e adultos.** Revista de Educação Popular, v.12, n.1, 2013.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Professor universitário: um profissional da educação na atividade docente.** IN: Docência na universidade (Org) Campinas, SP: Papirus, 1998.

MATEUS, Marlon de Campos; BRITO, Gláucia da Silva. **Celulares, smartphones e tablets na sala de aula: complicações ou contribuições?** In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO-EDUCERE, 10.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO – SIRSSE, 1., 2011, Curitiba. Anais... Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011. CD-ROM.

MAZZIONI, S. **As estratégias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem: concepções de alunos e professores de ciências contábeis.** Chapecó, Unochapecó, 2006.

MINAYO, M. C. S. de. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

MIRANDA, Guilhermina Lobato (2007). **Limites e possibilidades das TIC na educação.** Sísifo. Revista de Ciências da Educação, 03, 2007. pp. 41-50. Disponível em <http://sisifo.fpce.ul.pt>. Acesso em 28 de set 2018.

MORAN, José Manuel. **Como utilizar a Internet na Educação.** Disponível em <[www.scielo.br/pdf/ci/v26n2/v26n2-5.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ci/v26n2/v26n2-5.pdf)>. Acessado em 13 mai. 2018.

NETO, Cidália de Lurdes Pereira. **O papel da Internet no processo de construção do conhecimento.** Tese de Mestrado. Universidade do Minho: Portugal, 2006.

NOGUEIRA, Arnaldo J. F. Mazzei e BASTOS, Fabrício César **Formação em Administração: O Gap de Competências Entre Alunos e Professores.** REGE - Revista de Gestão, v. 19, n. 2, 2012.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **O Uso da Tecnologia no Ensino de Línguas Estrangeira: breve retrospectiva histórica.** Disponível em <[www.veramenezes.com/techist.pdf](http://www.veramenezes.com/techist.pdf)>. Acessado em 13 mai. 2018.

OBERE – Projeto especiais em comunicação e arte. [http://www.obore.com/acontece/textos\\_especiais\\_em\\_torno\\_de\\_algunas.asp](http://www.obore.com/acontece/textos_especiais_em_torno_de_algunas.asp). Acessado em 12 dez. 2018

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, em Geografia Ensino Médio – Ciências Humanas e sua Tecnologia. **Ministério da Educação.** Brasília. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>. Acessado em: 02 jun. 2018.

PHEBO, Andrea Guimarães. **O Celular Como Material Didático.** Disponível em: Disponível em: [www.aphebo.webnode.com/](http://www.aphebo.webnode.com/). Acesso em: 17 nov 2018.

RAMOS, Patrícia Edí. **O Professor Frente às Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.** <http://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/as-tecnologias-informacao-comunicacao-tics-no-contexto-escolar.htm>. Acessado em 05 jun. 2018.

SAMPAIO, Marisa Narciso, LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização Tecnológica do Professor.** São Paulo: Vozes, 2000.

SILVA, Lauraci Dondé da (org.); POLENZ, Tamara (org). **Educação e contemporaneidade: mudança de paradigma na ação formadora da universidade**. Canoas: Ed. ULBRA, 2002. 440p.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Exclusão Digital: A miséria na era da informação**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2009.

SNYDERS, Georges. **Pedagogia Progressista**. Coimbra: Almedina, 1974.

THORNBURG, David. **Tecnologias de Liberação e Habilidades de Pensamento para o século XXI**. Educação em Revista. Porto Alegre: SINEPE, 1997.

TORRES, Cláudio. **A Bíblia do Marketing Digital**. São Paulo: Novatec Editora Ltda., 2009.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO Policy Guidelines for Mobile Learning. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). **Diretrizes de políticas da UNESCO para a aprendizagem móvel**. Paris, France, 2013. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002277/227770por.pdf>. Acesso em 14 abr. 2016.

VIEIRA, C. E.; SÁ, M. G. **Recursos didáticos: do quadro - negro ao projetor, o que muda?** In: PASSINI, E. Y.; PASSINI, R.; MALYSZ, S. T. (Org.). *Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 101-116.

## ANEXO 1: QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação



### Questionário: “O uso do smartphone em sala de aula”.

**Pós graduando:** Sandro Alencar Ribeiro

**Escola:** Escola Estadual de Ensino Médio Caetano Gonçalves da Silva

**Dados pessoais:**

1. Idade: \_\_\_\_\_ 2. Série/Ano: \_\_\_\_\_
3. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino
4. Profissão/atividade profissional: \_\_\_\_\_

**Questionamentos:**

1. Os professores da área das ciências humanas autorizam o uso do smartphone em suas aulas? ( ) Sim ( ) Não
2. Os professores incentivam os alunos a utilizarem o smartphone? ( ) Sim ( ) Não
3. O professor utiliza o smartphone em sala de aula no desenvolvimento de sua aula? ( ) Sim ( ) Não
4. Você já usou o smartphone em sala de aula? ( ) Sim ( ) Não
5. Se você já utilizou, descreva em qual atividade e como foi sua experiência.

---

---

## ANEXO 2: CARTA DE APRESENTAÇÃO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL Centro  
Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação

Porto Alegre, 16 de outubro de 2018.

A Escola Estadual de Ensino Médio Caetano Gonçalves  
Diretora Cláudia de Almeida Pereira

O Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação - CINTED da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vem por meio deste apresentar o aluno Sandro Alencar Ribeiro do curso Mídias na Educação - Ciclo Avançado 4ª Edição, visando que esta tenha a oportunidade de realizar sua pesquisa de Pós-Graduação na Escola Estadual de Ensino Médio Caetano Gonçalves: "Uso de Tecnologias no ensino."

Atenciosamente

Liane Margarida Rockenbach Tarouco  
Coordenadora do Curso de Especialização Mídias na Educação

Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação - CINTED  
Av. Paulo Gama, 110 - Prédio 12105- 3º andar  
CEP: 90040-060 Campus do Centro - Porto Alegre - RS

E.E.E.M. Caetano Gonçalves da Silva  
Av. Dom Pedro, 790  
Decreto de Criação nº 8621/58  
D.O. 11/02/1958

Alteração de Designação  
Autorização CEE nº 804/2002 de 17/07/2002  
D.O. 29/07/2002

Nara Solange Silva Nunes  
Vice-Diretora

IF 2730936/01-DO 21/05/2018